



TU É ENTENDIDA, NÉ, DOIDINHA?

Danieli Machado Bezerra¹

Esta pesquisa é resultado de minha dissertação de mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Trata-se de um trabalho de campo com prostitutas que se autoneameiam entendidas. São mulheres lésbicas e profissionais do sexo. O que está proposto nessa Linha de Trabalho é um recorte do que foi meu terceiro capítulo cujo título é apresentado acima. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida em dois cabarés na cidade do Natal/RN durante os anos de 2007 e 2008

Em minha primeira visita ao campo de pesquisa, incisivamente, Rosa (uma das informantes) perguntou-me sobre minha orientação sexual da seguinte forma: “E você? Tu é entendida, né, doidinha?” Minha resposta foi que essa não era uma questão importante e devolvi-lhe a pergunta com outra pergunta: “Entendida? Como assim? Como entendida?”.² Falei de minha orientação sexual depois que eu e Rosa sentamos para conversar. O bate-papo durou cinquenta minutos. Percebi que era importante falar sobre mim, porque me dei conta de que falar sobre minha orientação sexual poderia facilitar a minha entrada no campo de pesquisa que eu propunha analisar e compreender. Dei uma resposta afirmativa sobre o que ela percebera em relação a minha orientação sexual. Ela sorriu e disse que eu poderia ir lá as vezes que fossem necessárias.

Esse momento de nossa conversa nos mostra a relação intersubjetiva existente entre pesquisadora e pesquisadas, com os quais trata-se de um fenômeno que contribui para a construção de uma análise antropológica, exigindo uma disciplina do pesquisador(a) para não cair nas armadilhas que seu objeto em campo possa lhe proporcionar. Não há neutralidade científica.

¹ Doutoranda em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Diário de campo em 3 de setembro de 2007.



Entretanto, devemos ficar atentos às nossas impressões pessoais, para que possamos não atribuir juízos de valor ao que pretendemos desenvolver em uma determinada pesquisa.

Minha questão central neste capítulo é analisar a categoria que as mulheres informantes utilizam quando indaguei sobre suas orientações sexuais. Em seguida, trago a discussão sobre a trajetória afetivo-sexual que elas vivenciam em seu cotidiano, problematizando com a temática acerca da bissexualidade, porque esta vai se mostrando ao longo de nossas conversas durante os três meses de ida ao campo.

A palavra “entendida” surge nas falas de todas as mulheres prostitutas que eu entrevistei nos cabarés. Ir ao campo passou a ser uma atividade em que as mulheres me viam como uma pessoa que estudava sobre elas, mas que levou um tempo até que eu pudesse conquistar sua confiança.

Inicialmente, sabendo de minha orientação sexual, começaram a fazer perguntas sobre o motivo pelo qual eu estaria ali em “um cabaré”. Jaqueline me disse no início de nossas entrevistas:

Vem cá? Tu tá fazendo uma pesquisa ou tá tirando onda? Você gostaria de fazer programa com alguma de nós? Você, depois disso tudo, vai ser o quê? Sexóloga? Sexologista ou o quê? Tou achando que tu tá é querendo fazer alguma experiência com uma de nós. E você acha o quê sobre isso tudo? **Danieli:** Isso tudo o quê? **Jaqueline:** Isso de você querer entender a gente que é entendida.

Temos inúmeras categorias que tentam explicar as práticas afetivas e sexuais entre as pessoas do mesmo sexo. De acordo com Aquino, há várias formas de expressão acerca da multiplicidade terminológica que envolve a prática sexual dos(as) homossexuais. Ou seja, “há uma vasta gama de classificações, definições, nomações e hierarquizações produzidas interna ou externamente ao lesbianismo e aos gays” (AQUINO, 1993, p.80).

Várias foram as formas e tentativas de classificar os homossexuais, muitas vezes classificações baseadas em contextos pseudocientíficos oriundos das escolas de medicina, psiquiatria, sexologia forense e etc. Tais classificações, no



mais das vezes vazadas por preconceitos e imprecisões, terminam por construir um objeto estático e defasado na prática concreta dos indivíduos. Devemos, por isso, ser cautelosos no emprego da noção de “tipos lésbicos” (AQUINO, 1993, p.80).

Concordo com a ideia de que a prática afetiva e sexual de pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo (diga-se: mesmo órgão genital) possui um leque de possibilidades variadas, e que procura dar conta da multiplicidade de estilos de vida e de escolhas do lesbianismo e do mundo gay. Diante da vasta definição que temos em relação a essas pessoas homossexuais, colocamos em discussão a identidade que as mulheres prostitutas/entendidas assumem quando as questionamos. Assumem-se entendidas, mostrando-nos uma identidade construída por elas a partir do que elas vivenciam.

Devemos “levar em consideração essas classificações, definições, nomações e hierarquizações produzidas interna ou externamente a suas trajetórias afetivo-sexuais, que são aqui examinadas, e mostrar as diferenças identificadas socialmente no grupo estudado” (AQUINO, 1993, p.79).

Diante das múltiplas definições construídas no universo lésbico acerca de sua prática sexual, preferi adotar a definição que as próprias informantes utilizam em seu cotidiano, a de “entendida”. Quando interpeladas sobre suas práticas sexuais, todas as mulheres prostitutas que moram no cabaré da Rosa Cabarcas se qualificaram como tal. Amanda não sabia o que era “lésbica” quando foi abordada por mim:

Nunca ouvi falar sobre essa palavra “lebisca”, nunca tinha ouvido falar nisso. O que é mermo? **Danieli:** Respondi-lhe que não era “lebisca”, e a palavra correta seria lésbica. Depois de minha resposta, ela disse que conhecia sapatão, mas essa outra não: “Sabia que tinha sapatão, mas lebisca não”. Prefiro entendida, porque as pessoas não olham diferente pra mim, não gosto de ser chamada sapatão. Você já viu meu pé? É pequeno e não tem nada a ver com isso.

Para Fry (1982, p.95-104), o surgimento da categoria “entendida” relaciona-se com uma transformação social das classes médias e altas das



grandes metrópoles do país, e em consonância com os movimentos de libertação homossexual nos Estados Unidos e na Europa, nos anos de 1960. O termo “entendido” enfatiza a igualdade entre os homossexuais e afirma-se como uma espécie de correlato ao termo *gay* cunhada pelos movimentos (homos)sexuais norte-americanos e europeus. As lésbicas brasileiras tomam “de empréstimo” aos homossexuais masculinos o termo “entendido”, adaptando-o a sua livre orientação sexual.

Dentro das classes médias e altas brasileiras, os homossexuais passam a se autodesignar, então, “entendidos” e “entendidas”. Assim, o desenvolvimento histórico da categoria “entendido(a)” nos dá a pista para que se possa compreender melhor o recorte de classe que ela opera. Em contraposição aos termos de “classe baixa” (“caminhoneira”, “soldado”, “guarda-costas” e até mesmo “sapatão”), a autodenominação de “entendida” designa a lésbica das classes médias e altas. (AQUINO, 1993, p.90).

Outro termo utilizado pelas prostitutas é “sapatão”, sendo este bem menos recorrente em suas falas. Quando surge, está configurado em um sentido voltado para a chacota e brincadeiras entre elas.

Assim, disse Jaqueline a Fernanda em minha presença, quando nós estávamos conversando sobre o termo “entendida” e o termo “sapatão” foi dito de forma jocosa dentro de uma brincadeira entre as duas informantes: Mulher! Sai daqui, sapatão, se não eu vou te pegar ³.

Diferentemente da compreensão de Aquino (1993), de Fry (1982) e de Perlongher (1987), percebemos em nosso estudo que as prostitutas informantes se autnomeiam “entendidas” e que suas histórias de vida são diferentes das mulheres da pesquisa de Aquino. Todas as mulheres são de uma classe social menos privilegiada: uma delas foi “trombadinha” nas ruas de Recife e outra morou “um tempo na rodoviária de João Pessoa”. A categoria “entendido” surge nas classes médias cariocas e de São Paulo.

³ Informação no diário de campo no dia 26 de setembro de 2007.



Entendido é definido como um personagem que tem certa liberdade no que diz respeito ao seu papel de gênero e à sua “atividade” ou “passividade”. [...] O macho que se relaciona sexualmente com outro macho, mesmo “ativamente”, deixa de ser “homem mesmo” e vira “entendido” ou “homossexual” (FRY, 1982, p.93-94).

A identidade de “entendido”, para Fry, não supõe um comprometimento com “atividade” ou “passividade” e possibilita o troca-troca da igualdade entre os gays.

“Entendida” é um termo empregado, muitas vezes, fora dos limites das redes de relações ou espaços lésbicos. De certa forma, pode-se dizer que foi apropriado por setores da sociedade nos quais há a presença de artistas, de intelectuais, de “empresários” do mercado sexual, das prostitutas, de adolescentes e outros(as), e define não só a proposta de relacionamento igualitário entre duas mulheres, como a presença da lésbica que não tem características masculinas e é integrante de todas as camadas societárias (FRY: 1982: 93:94)

Assim, “entendida” passa a ser um qualificativo social, ao contrário das outras referências sobre as mulheres que fazem sexo com outras, que as conotam pejorativamente, tais como sapatão e maria-homem, e passam a ser atribuídas aos espaços de sociabilidade que estão para além dos espaços lésbicos. Ser entendida é diferente de ser sapatão em ambientes nos quais as mulheres lésbicas não possam se identificar como tais⁴.

Entretanto, Aquino, em sua pesquisa, faz a diferenciação, por exemplo, entre um bar de clientela proveniente das camadas médias e altas, como um bar de “entendidas”, e outro de clientela presumidamente de camada “mais baixa”, como um bar de “sapatão” ou de “caminhoneiras”. Diante do exposto, por se tratar de mulheres que são oriundas das camadas mais baixas, meu argumento contraria o que observa Aquino em sua pesquisa. As categorias modificam-se, estendem-se ao longo do tempo, invadem as classes sociais e

⁴ A luta dentro do movimento LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais) tem como uma das bandeiras trazer a discussão acerca da questão sobre a visibilidade, hoje, luta-se por uma proposta que todos as lésbicas possam conquistar o direito de serem reconhecidas em todos os espaços sociais.



constroem identidades variadas a partir das concepções que um determinado grupo atribui para si.

Em minha opinião essa terminologia determina *a priori* as perguntas que fazemos e as respostas que podemos encontrar quando analisamos as práticas homoeróticas, nenhuma categoria não deve arvorar-se de pretensão de verdade universal (OLIVEIRA, 2006, p.151).

A expressão “entendida” é empregada pelas informantes de nosso trabalho, dando-nos a compreensão da percepção que elas possuem sobre si mesmas. Trata-se de seu ser e estar na “vida”⁵, de estar em um universo repleto de estigmas e preconceitos. Ser entendida nos dá a ideia de que elas, ali, nos cabarés, se entendem, dão um sentido para esse construir de identidades.

No universo das prostitutas, elas não se identificam como “sapatões”. Compreendo com Aquino:

De revelar-se, o senso comum exige um assumir-se e, desse, posturas caricatas e estereotipadas. Quer se mostrar como lésbica? Que se vista e se porte como homem. O senso comum não admite sutilezas. Até por isso que é comum. Mas essa exigência não aparece só da parte dos heterossexuais, ela está presente também no universo homossexual, fruto da assimilação dos padrões dominantes que só concebem duas possibilidades de ser: ser homem ou ser mulher. Ser homem ou ser mulher, no plano sexual, significa ter atração pelo sexo oposto; logo, quem quiser ter atração pelo mesmo sexo, deve parecer e comportar-se como pertencente ao seu sexo oposto. Triste lógica que encarcera as sutilezas e as autenticidades e que gera condutas muitas vezes descompassadas com as individualidades (AQUINO, 1993, p.92).

Nossas informantes se autodefinem entendidas, expressão dita por elas em nossas entrevistas. Nunca citam lésbica. Segundo Aquino, “a autoidentificação como lésbica parece ser privilégio” das homossexuais feministas que, ao se reconhecerem assim, procuram enfatizar o aspecto

⁵ Muitas mulheres prostitutas utilizam a expressão ser “da vida” quando são questionadas sobre sua profissão.



político da orientação homossexual: a recusa, na prática, da relação de poder estabelecida pela heterossexualidade, na qual homem domina a mulher. O termo homossexual aponta para uma concepção de “condição”; o termo lésbica enfatiza a “orientação” e, semanticamente, abandona a questão do comportamento sexual, exclusivamente, em direção à construção da identidade. (AQUINO, 1993, p.92)

Em sua pesquisa, Aquino (1993) examina como essas definições “constroem e manipulam as relações sociais de gays e lésbicas, no sentido do estabelecimento de um universo homossexual, classificado como uma forma de se inserir em um mundo heterossexista que determina as normas e os padrões sustentados pela regra de normalidade aceita socialmente apenas entre os heterossexuais”.

As categorias criadas para definir a prática da homossexualidade também nos possibilitam compreender que, muitas vezes, essas definições não são aceitas pelos próprios gays e lésbicas, pois como vemos ainda com Aquino em sua pesquisa:

A categoria lésbica aparece como recusa. Apenas Ana a inclui no seu discurso, assim mesmo ligada a enunciados de outras pessoas, como curiosidade, quando comenta sobre a primeira vez que ouviu o termo “lésbica” e uma amiga lhe explicou o seu significado, ou como categoria de acusação, quando, numa situação de brincadeiras escolares foi chamada de lésbica por uma colega, com uma conotação acusatória. É justamente pela conotação acusatória e pejorativa que a denominação lésbica é recusada: Eu sou homossexual... eu acho horrível essas palavras todas (...) A menos pior sapatão; e a que, se eu tiver que dizer, prefiro dizer [que sou] homossexual do que dizer que sou lésbica. Lésbica me soa assim: lésbica, lésmica, lesma, uma coisa nojenta, feia (Júlia) (AQUINO, 1993, 82).

As atribuições terminológicas são variações simbólicas culturais sustentadas por danos sofridos sob valores sexistas/patriarcais. Estas refletem a tendência histórica e universal de categorizar experiências humanas e pessoais. Facchini nos elucida:

As categorias usadas para classificações dos próprios sujeitos e dos “outros” são uma rica fonte para a percepção das convenções sociais que essas mulheres mobilizam e das



relações de poder que estabelecem de modo mais ou menos contingente, fazendo-se presentes não apenas na frequência a espaços de lazer/sociabilidade marcados pela (homos) sexualidade, mas também em sua vida cotidiana (FACCHINI, 2008, p.219).

Uma pesquisa realizada durante a parada *gay* de 2005 mostrou que 15,1% das mulheres lésbicas se autoidentificavam como “entendidas”. Há uma dispersão de categorias entre as mulheres evidenciada na parada *gay*. Vange Leonel, em seu artigo “Nem lésbica, nem bolacha, nem sapatona e nem entendida”, no site GLS “Mix Brasil” diz que “a invisibilidade das lésbicas” aparece, entre outras coisas, relacionada à ausência de um termo específico, “pra cima” e de fácil assimilação, como foi o caso do termo *gay*. Outra concepção acerca de termos ou categorias que identificam mulheres que fazem sexo com mulheres, é esclarecida por Vange Leonel no site:

É verdade que lésbicas brasileiras já inventaram termos para dignificar e aumentar sua autoestima, como, por exemplo, “entendida”. Porém, “entendidas” são memes em via de extinção, provavelmente por terem sido muito usados numa época em que se vivia dentro do armário.

Com esta pesquisa, analisei que essa categoria, que fora criada para dar uma identidade aos *gays* das classes médias e altas da sociedade carioca e paulista na década de sessenta do século passado, está sendo absorvida pelas camadas baixas de mulheres que têm uma história de vida afetada pela miséria. Ser “entendida” não classifica as mulheres que assim se autodefinem, sua faixa etária e ou classe social.

Regina Facchini, em sua tese *Entre umas e outras: mulheres, (homo) sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo* fez uma pesquisa com mulheres com mais de trinta e cinco anos e que foram identificadas como pertencentes a estratos populares diversos, e diz:

[...] a categoria mais citada é a de “entendidas”. Essa classificação aparece com menor frequência entre as mais jovens do mesmo estrato social, e, também, entre algumas das



que se enquadrariam num estrato médio baixo [...] não é citada entre os estratos médios [...] (FACCHINI, 2008, p.225).

Diferentemente das mulheres entrevistadas por Regina, as informantes desta pesquisa se assumem em uma identidade. O termo com que elas se autoidentificam não sofreu alteração no decorrer de nossas conversas e nem foi contextualizado em nenhuma circunstância presenciada por mim. Ser entendida foi o termo que sempre esteve presente nas falas das mulheres entrevistadas:

Eu sou assim, sabe, gosto de mulher [...] Não quero ser chamada de sapatão, porque é muito feio, prefiro ser chamada de entendida. (Mariana)

Minha irmã, doido, tá ligada? Sou entendida e minha mulher tem um ciúme tão grande de mim; ela sabe que eu venho aqui [...] e fica contente quando eu chego com o dinheiro para ela poder comprar o leite dos meninos. Ela é entendida também e nós nos entendemos. Entende essa parte quando levo o dinheiro. Só é estressante a hora do ciúme, ela acha que posso gostar de algum macho por aqui [...] eu nem imagino nada disso (Carol).

A categoria “entendida”, como vem sendo apropriada pelas mulheres das camadas baixas, nos dá a ideia de que há mudanças sociais no modo como as classificações sofrem alterações ao longo do tempo, na forma de determinar a (homos)sexualidade feminina e, portanto, também de compreendê-la. Na pesquisa realizada por Sérgio Carrara e Júlio Simões na Parada do Orgulho GLBT⁶ de São Paulo, em 2005, assim como em outras pesquisas realizadas em anos anteriores em paradas gays do Rio de Janeiro, os dados indicavam uma mudança no perfil dos que se classificavam a partir dessa categoria. A categoria “entendido(a)” é mais comum entre os(as) de nível de escolaridade menor (CARRARA et al, 2006, p.27)

FACCHINI Conclui:

⁶ Essa sigla hoje sofreu alterações passando a letra L para o início. Em decorrência das reivindicações do movimento lésbico. Hoje é LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros).



A expansão dessa categoria para fora dos limites do “gueto elitizado”, registrada por Aquino, e o uso que dela se faz atualmente entre mulheres de estratos sociais populares e médio-baixos parece autorizar a interpretação de que sua presença nesses estratos talvez seja fruto da “relação hierárquica” (CARRARA; SIMOES, 2007) identificada por Fry entre os dois modelos ideais, o igualitário moderno e o hierárquico/tradicional. Praticamente banida do estrato social que a originou, essa categoria deu lugar a outras, que se multiplicam. Essa multiplicação parece ocorrer a partir da lógica de diferenciação apontada por Fry (1982), que – para o desapontamento dos que gostariam de ver fortalecida a “visibilidade lésbica” – toma categorias de referência à sexualidade como linguagem para a expressão de outras diferenças. (FACCHINI, 2008, p. 227).

Temos o exemplo disso com Lacombe, em seu estudo *De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro*:

Entendidas: a palavra entendida ficou mais suave [...] de onde vem eu não sei, entendida é quem entende, quem entende o outro, pra mim a explicação é essa (LACOMBE, 2003, p.1) - Entendida o quê? – Que eu te entendo, que eu entendo você. – Eu acho que entendida seria que entende os heteros[sexuais] e entende a própria mulher que ela gosta, entendeu? Eu acho que isso é a palavra entendida, porque não desrespeita a opinião dos heterossexuais e então entende as meninas, entendeu? [Acrecenta Magnata, outra das freguesas do lugar] (LACOMBE, 2003, p.1-2).

“Entender” se transforma em um modo de compartilhar um segredo que, apesar de ter sua existência conhecida pelas pessoas, não implica a ausência de intimidade. Ser entendida nos remete à ideia de que há cumplicidade entre as mulheres que estão naquele universo dos cabarés, porque moram lá e não fazem parte de um mundo externo à realidade delas. Assim nos disse Jaqueline:

Às vezes penso em não fazer mais programa [...] gosto daqui, aqui é minha casa, é onde sou acolhida pelas minhas amigas que moram aqui comigo. Fui acolhida por Rosa. Eu não acho ruim morar aqui, já tive uma namorada que também morava aqui, mas a relação não deu certo. Ela hoje faz programa em outro cabaré, em outro estado. Mas era ótimo quando a gente



morava aqui. A gente se entendia, eu acho que entendida é isso. É entender a outra também.

Esse “olhar entendido” constrói a identidade sexual das mulheres prostitutas/entendidas. Trabalhei com as categorias e elaborações das informantes sobre si mesmas e sobre a situação social na qual estão inseridas, bem como outros dados observados no campo. Essa percepção da categoria que fora dita logo no início de minhas idas aos cabarés possibilitou um afunilamento daquilo que viria a me direcionar para uma investigação teórica e sistemática sobre os conceitos aqui trabalhados.

Compreender categorias a partir de meu campo é importante, porque, no meu caso, a exploração dos significados dados pelas mulheres possibilitou-me interpretar a identidade sexual de uma realidade particular existente entre mulheres que têm relações afetivas/sexuais com homens e mulheres. Identificar os processos pelos quais a identidade sexual constituiu-se na cultura ocidental judaico-cristã é uma das discussões centrais da identidade social dos indivíduos na atualidade.

Refutamos a ideia de Gomide, que nos diz que

assumir uma identidade lésbica envolve aproximar-se da subcultura lésbica e, ao mesmo tempo, gerenciar a comunicação dessa informação estigmatizadora para com o restante da sociedade. As lésbicas tendem a ser habitantes de dois mundos, o heterossexual e o gay. (GOMIDE:2007:407)

E, para conseguirem viver, trabalhar e amar, precisam satisfazer exigências de ambos. No mundo heterossexual, necessitam “passar por heteros”, ou pelo menos “desenvolver” uma representação que as defina como fêmeas. No mundo lésbico, precisam lidar com normas diferentes para serem aceitas e buscarem parceiras amorosas (STEIN, 1999, p.407). E como pensar essa questão em relação às mulheres que são prostitutas (“heterossexuais”) e entendidas (“homossexuais”) ao mesmo tempo?

Entretanto, em relação às informantes, elas não se enquadram em nenhum tipo de discurso lésbico. A exemplo disso, a expressão “entendida” nos possibilita “entender” que suas identidades são construídas nos cabarés. É o



modo como elas realizam suas escolhas e se percebem diante da vida e de seus desejos. Essa identidade é constituída por significados construídos dentro e fora do grupo pesquisado.

Percebemos que a identidade das prostitutas/entendidas nos é dada a partir das reflexões aos questionamentos que surgiram a partir do meu primeiro encontro com a presidente do Grupo Afirmativo de Mulheres Independentes (GAMI). Essa construção vale-se do processamento dos indivíduos, dos grupos sociais e das sociedades que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura.

Nesse sentido, as mulheres prostitutas/entendidas formam um grupo identitário no qual percebemos que pode surgir, em algumas delas, uma relação afetiva e sexual com seus clientes. Elas não se eximem diante dessa possibilidade. Pode acontecer que algumas dessas prostitutas venham a ter relações com algum homem que possa lhe despertar algum desejo sexual ou afetivo, como aconteceu com Mariana, cujo caso eu soube por Fernanda⁷:

Ela não faz mais programas lá não. Foi morar com um cliente faz uns seis meses e ela foi buscar o filho e deixou a companheira dela. Se apaixonou pelo rapaz e eles estão junto. Ele assumiu ela até com o seu filho que ela teve que ir buscar na Paraíba. Ela mora agora em Natal, mas não tá mais fazendo programa. Ela tá certa, tá muito novinha e tem muito o que aprender na vida. Tem que pensar no filho, né? Perguntei-lhe se ela sabia de um número de telefone para que eu pudesse ligar para ela. Fernanda, na ocasião, dizia não saber mais sobre “a vida de Mariana”.

Esse fato nos aponta para uma discussão complexa existente dentro da prostituição com mulheres que são “entendidas”. Como podemos pensar essa sexualidade? Há alguma relação com o que acontece com a sociedade contemporânea, como discutimos no primeiro capítulo? Elas fazem sexo com homens e mulheres, e não descartam a possibilidade de também se relacionarem afetuosamente com homens. Isso fica claro nas falas descritas

⁷ Esta informação foi dada recentemente quando fui chamada pela ASPRORN, dia 7 de outubro de 2008, para realizar uma oficina com mulheres prostitutas, participando do Projeto Diamante Bruto. Na ocasião, com aproximadamente 150 mulheres, Fernanda era uma das participantes do evento.



acima. Há algo dentro de uma lógica de prática afetiva/sexual que nos orienta para uma discussão acerca da bissexualidade? Afinal, apontamos uma discussão na qual essas mulheres mostram possíveis maneiras de estabelecer relações afetivo/sexuais com ambos os sexos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Luiz Otávio. Discurso lésbico e construções de gênero. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.79-94, jan. 1995.

CARRARA, Sérgio. Só os viris e discretos serão amados? **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1906200509.htm>>. Acesso em: 7 nov. 2007.

CARRARA, Sérgio. RAMOS, Sílvia. Política, direitos, violência e homossexualidade: pesquisa na parada do orgulho GLBT – Rio/2003. **Boletim Segurança e Cidadania**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.-, abr. 2004.

FACHINNI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. 2008. f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências Sociais, Departamento de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GAGNON, Jonh H. **Interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GOMIDE, Sílvia. **Formação da identidade lésbica: do silêncio ao saber**. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=2atZP5Tou4kC&pg=PA405&lpg=PA405&dq=S%C3%ADlvia.+Forma%C3%A7%C3%A3o+da+identidade+l%C3%A9sbica:+do+sil%C3%A2ncio+ao+saber.&source=bl&ots=JU2dt_eY6&sig=jM8Y CvWLnic812Mn0v3l3knYmQ&hl=ptBR&ei=52ahSeesHNPGtgez2GGDQ&sa=X&oi=book_result&resnum=1&ct=result>. Acesso em: 5 nov. 2007.

LACOMBE, Andréa. **De entendidas e sapatonas: socializações e masculinidades em um bar no Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01048333200700010010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 14 nov. 2007.



LEONEL, Vange. [Texto sobre gênero]. Disponível em:
<<http://mixbrasil.uol.com.br/cio2000/grrrls/meme/meme.shl>>. Acesso em: jul.
2007.